

Rolhas de cortiça ganham o direito a uma segunda vida

Mais de 40 toneladas de rolhas foram recicladas nos últimos cinco anos. Matéria-prima também chega de fora, incluindo dos EUA

Ana Tavares

● A Junta da Freguesia da Ericeira recolheu no mês passado mais de meia tonelada de rolhas de cortiça para reciclagem. O Verão está a ajudar, mas, mesmo assim, o presidente, António Mansura, diz que é um “bom resultado”, face às 1,2 toneladas conseguidas entre 2005 e 2009. As rolhas vêm dos restaurantes e das casas particulares da zona e são entregues a um parceiro empresarial da junta, o qual se encarrega da reciclagem.

A Oficina da Terra Crua faz a sua própria reciclagem, sem recurso a empresas especializadas. Selecciona as rolhas, tritura umas e deixa outras inteiras e usa-as nos seus projectos de construção ecológica. Com este método, já reciclou cerca de 25 toneladas de rolhas de cortiça, vindas de pontos de recolha distribuídos por vários municípios do Centro e Sul do país, instituições e casas particulares.

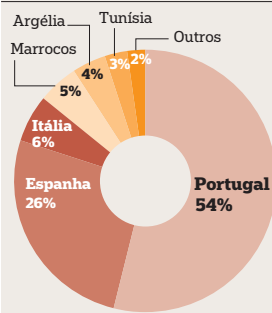
A Quercus promove a reciclagem de rolhas de cortiça como meio para a plantação de árvores autóctones, desde Junho de 2008. O projecto é conhecido por *Green Cork* e tem a parceria da Corticeira Amorim. Os dados oficiais dizem que recolheu, até Janeiro de 2009, 12 toneladas. A associação ambientalista actualiza os dados e diz que até Março passado juntou 30 toneladas.

São casos como estes que ilustram a crescente adesão dos portugueses à segunda vida da rolha de cortiça, que acaba por “proteger a cortiça, proteger o sobrado e proteger a natureza”, diz Vera Schmidberger, arquitecta e responsável pela Oficina da Terra Crua.

Não há, neste momento, dados estatísticos disponíveis que mostrem quantas toneladas de rolhas o país recicla anualmente, o que torna o exercício muito incerto. Contudo, quem está ligado à recuperação desta matéria-prima garante que Portugal é dos que mais reaproveitam e não se limita ao espaço português. Recebe rolhas de vários pontos do mundo, incluindo dos aeroportos dos Estados Unidos.

Há quatro anos, a Euronatura, uma organização não-governamental es-

Produção de cortiça



Fonte: Indústria

pécializada em investigação e política ambiental, aderiu a um projecto europeu de promoção do reaproveitamento das rolhas de cortiça, que constitui hoje uma rara fonte disponível para avaliar a importância que os portugueses dão ao assunto.

Segundo o *ranking* de reciclagem, disponibilizado pela Euronatura e agregando as instituições com as quais possui acordos de investigação, verifica-se que os portugueses reciclaram para cima de 43 toneladas

Esforço de transformação das rolhas junta entidades públicas e privadas



de rolhas de cortiça desde 2005. É um valor por defeito, não só porque não engloba todas as entidades que se dedicam a esta reciclagem no país, como os dados são referentes ainda a 2009.

A lista, publicada no *site* da Euronatura, é liderada por alemães e franceses, seguindo-se quatro entidades portuguesas: Oficina da Terra Crua SLA, a Quercus, a Associação Guias de Portugal e a Junta da Ericeira, o único organismo do poder local.

Apesar dos números e da aparente disponibilidade para dar um novo destino às rolhas de cortiça, os promotores precisam de sentir que são recompensados.

Até Março de 2009, e com o apoio da Quercus, a Junta da Ericeira entregou à Corticeira Amorim cerca de 1,2 toneladas de rolhas. Recentemente, mudou de parceiro. Mansura não revela a sua identidade, nem montantes nem razões, mas diz que, neste momento, a freguesia está a receber uma

quantia “aceitável” por cada tonelada de rolhas que entrega.

A Oficina da Terra Crua, que tem uma rede de parceiros voluntários, compara o exemplo português com a Alemanha. Vera Schmidberger considera que o país “ainda está muito longe dos outros”. “Na Alemanha usam-se outros serviços, há um voluntariado próprio. Por exemplo, um camião que vá fazer uma descarga, quando volta, não vem vazio, vem com rolhas”, adianta Vera Schmidberger.

Processo tem vindo a crescer

Portugal entre os países que mais reciclam

● “A sociedade portuguesa tem aderido” à reciclagem de rolhas de cortiça, garante a Corticeira Amorim, uma das maiores corticeiras do mundo. Portugal produz 54 por cento de toda a cortiça do planeta.

Carlos Jesus, responsável da Amorim & Irmãos, afirma que, em 2009, a empresa reciclou 92 toneladas de rolhas, o equivalente a 20 milhões de rolhas. As rolhas reutilizadas não são só portuguesas, salientando-se a parceria, desde Setembro de 2009, com a companhia aérea “American Airlines, que possui recipientes de recolha de rolhas em quase todos os aeroportos

dos Estados Unidos”.

Nos EUA, um programa semelhante ao português, também financiado pela Amorim, denominado *ReCORK*, recolheu até ao momento mais de 8 milhões de rolhas, sendo que 4,5 milhões foram recolhidas já em 2010. Esta quantidade contribuiu para a plantação de 2300 árvores.

A Amorim estima que, em França, sejam reciclados anualmente nove milhões de rolhas de cortiça ao ano. Em 2010 a reciclagem tem vindo a crescer, tendo sido reciclados 16 milhões de rolhas. Grande parte das rolhas provém de ONG, que se concertam para mais

facilmente conseguirem transportar as rolhas. Em alguns casos, a recolha é feita de forma voluntária e sem quaisquer custos, desde transporte, selecção de rolhas até ao produto final.

Quem quer reciclar rolhas encontra dois caminhos: ou entrega a matéria-prima a empresas especializadas, caso

da Corticeira Amorim, e recebe um montante por tonelada (em Janeiro de 2009, a Amorim pagava à Quercus 500 euros por tonelada) ou são as próprias entidades a fazer o reaproveitamento, de forma voluntária, nomeadamente na construção.

Para Joaquim Lima, director-geral da Apcor - Associação Portuguesa de Cortiça, a reciclagem de rolhas de cortiça é uma solução eficaz no reforço e disponibilidade das matérias-primas utilizadas pela indústria, mas representa, sobretudo, um ganho do ponto de vista ambiental e do ciclo de vida dos produtos da cortiça”.

92

A companhia Amorim & Irmãos reciclou, em 2009, 92 toneladas de rolhas, o equivalente a 20 mil rolhas



FERNANDO VELUDO/INFACTOS

John Stewart Mill versus Banco Central Europeu

Opinião

J. Bradford DeLong

● Um dos segredos mais chocantes do sistema económico é que “teoria económica” é uma coisa que não existe. Não existe nenhum conjunto de princípios fundamentais nos quais se possam basear cálculos que elucidem resultados económicos do mundo real. Devemos ter sempre em mente esta limitação do conhecimento económico quando a tendência global para uma austeridade fiscal muda para a quinta velocidade.

Ao contrário dos economistas, os biólogos, por exemplo, sabem que cada célula funciona de acordo com instruções para síntese de proteína codificada no seu ADN. Os químicos começam com aquilo que os princípios de Heisenberg e Pauli, mais a tridimensionalidade do espaço, nos dizem sobre configurações estáveis do electrão. Os físicos partem das quatro forças fundamentais da natureza.

Os economistas não possuem nada disso. Os “princípios económicos” que sustentam as suas teorias são uma fraude - não são verdades fundamentais, mas sim meros botões que são rodados e sintonizados para que resultem da análise as conclusões “certas”.

As conclusões “certas” dependem de que tipo de economista, entre dois, se é. Um dos tipos de economistas escolhe - sem bases económicas nem científicas - uma postura política e um grupo de aliados políticos, e roda e sintoniza as suas suposições até produzir conclusões que condigam com a sua atitude e satisfaçam os seus aliados. O outro pega no esqueleto da história, põe-no na panela, acende o lume e cozinha-o, esperando que os ossos produzam lições e sugiram princípios que guiem os eleitores, os burocratas e os políticos da nossa civilização no seu penoso caminho para a utopia.

Não é de admirar que ache que só o segundo tipo de economistas que referi tem alguma coisa útil para dizer. Que lições tem então a história para nos ensinar sobre a actual crise económica global?

Em 1829, John Stuart Mill deu o salto-chave intelectual para descobrir de que forma combater aquilo a que chamou “excesso de oferta”. Mill constatou que a procura excessiva de um determinado conjunto de activos nos mercados financeiros se reflectia numa oferta excessiva de bens e serviços nos mercados de produção, que, por sua vez, geravam uma oferta excessiva de trabalhadores nos mercados de

trabalho.

As implicações disso eram óbvias. Se se diminuísse a procura excessiva de activos financeiros, acabar-se-ia com o excesso de bens e serviços (escassez de procura global) e com o excesso de trabalho (desemprego maciço).

Mas existem muitas formas de abrandar a procura excessiva de activos financeiros. Quando o excesso de procura é de activos líquidos usados como forma de pagamento - “dinheiro” -, a resposta natural é o banco central comprar títulos da dívida pública em numerário, aumentando assim a reserva de dinheiro, dessa forma equilibrando a oferta com a procura. Chama-se a isto “política monetária.”

Quando o excesso de procura é de activos de mais longo prazo - títulos como veículos de poupança que transferem o poder de compra do presente para o futuro -, a resposta natural tem dois aspectos: induzir as empresas a pedirem mais dinheiro empestado e encorajar o Governo a pedir mais emprestado e gastar, equilibrando assim a oferta e procura de títulos. Ao primeiro chamamos “recuperar confiança” e ao segundo, “política fiscal”.

Quando o excesso de procura é de activos de elevada qualidade - lugares onde se possa colocar a nossa riqueza e ter a garantia de que ela ainda lá estará quando voltarmos -, a resposta natural é fazer com que Governos dignos de crédito garantam activos privados e comprem outros, e os troquem por passivos seus, assim diminuindo a oferta de activos de risco e aumentando a oferta de activos seguros. A isto chamamos “política bancária.”

Claro que nenhuma política do mundo real se integra completamente em nenhum destes tipos ideais. Neste momento, o Banco Central Europeu preocupa-se com o facto de uma política fiscal continuada poder sair pela culatra. Sim, diz ele, levar os Governos a gastar mais dinheiro e continuar a gerir grandes défices aumenta a oferta de títulos, diminuindo assim a procura de activos de mais longo prazo. Mas se as emissões de dívida de um Governo excederem a sua capacidade de dívida, toda essa dívida estatal se tornará de risco. Terá diminuído a escassez de activos de mais longo prazo, criando uma escassez de activos de elevada qualidade, ficando em pior situação do que antes.

O BCE afirma que as principais economias do Norte - Alemanha, França, Grã-Bretanha, EUA - chegaram a um ponto em que precisam de uma rápida redução e austeridade fiscal,



BCE recomenda austeridade

porque a confiança dos mercados financeiros na qualidade das suas dívidas está abalada, e pode, a qualquer momento, entrar em colapso. E os decisores políticos actuam em conformidade: em finais de Julho, Peter Orszag, director do Gabinete de Gestão e Orçamento dos Estados Unidos, disse que a consolidação fiscal

na maior economia do mundo, ao longo dos próximos três anos, corresponderá à mais profunda redução dos últimos 60 anos.

Todavia, quando olho para a economia mundial, vejo um cenário muito diferente - em que a confiança dos mercados na qualidade das dívidas das mais importantes economias globais do Norte não está de forma alguma à beira do colapso. Vejo a produção 10 por cento abaixo da sua capacidade e as taxas de desemprego a chegarem aos 10 por cento. E, mais importante ainda para uma política económica de curto prazo, vejo um mundo em que os investidores têm enorme confiança na dívida governamental das principais economias - para muitos, o único porto seguro no meio desta tempestade.

Nestas circunstâncias, não temos quaisquer dúvidas sobre o que Mill teria recomendado. *Professor de Economia na Universidade de Berkeley*

Ericeira

Reciclagem começou nos óleos alimentares

O projecto *Ericeira Recicla* começou em 2002 com a reciclagem de óleos alimentares usados.

Passados três anos, deu mais um passo, aproveitando as receitas das rolhas de cortiça para acções sociais, sobretudo na vertentes de apoio e acompanhamento para os mais idosos.

A recolha, segundo António Mansura, presidente da Junta da Freguesia da Ericeira, é feita de diversas maneiras. “As pessoas entregam-nos as rolhas directamente, mas também temos parcerias com restaurantes daqui da zona, que nos dão as suas rolhas para reciclar”.

Visivelmente empenhado nesta aposta, o autarca António Mansura acrescenta que este projecto tem “interesse e é uma mais-valia a nível financeiro e social”. “Gastamos onde faz falta em termos sociais e em projectos de sensibilização ambiental”, adiantou.

Este Verão mantenha a sua mente activa com os Passatempos Público



Todos os Sábados por apenas mais €1,40

Collecção de 10 livros. Periodicidade: semanal. Dia da semana: Sábado. PVP: 1,40€. Preço total da colecção: 14,00€. Data de início: 3 de Julho. Data de fim: 4 de Setembro. Limitado ao stock existente.